

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA

Thays Trindade Maier

Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
Cascavel, Paraná

RESUMO: Este trabalho é um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, aplicadas na regência em uma turma de quinto ano, realizadas em uma escola municipal da periferia da cidade de Cascavel, Paraná. São vivências que decorrem da disciplina Estágio Supervisionado, sob a forma de Prática de Ensino II, no ano letivo de 2016, no Curso de Pedagogia. O desenvolvimento das atividades teve por finalidade o estímulo à leitura mediante a exposição da obra literária infantil “A caixa Maluca”, da autora Flávia Muniz. Nosso objetivo foi incitar os alunos à curiosidade, um aspecto presente também na história, bem como o trabalho com rimas encontradas no texto. Para além da apreciação e leitura da literatura buscamos trabalhar com a produção textual, explorando-as, no intuito de ampliar o conhecimento leitor e de escrita dos alunos. A partir de diferentes encaminhamentos metodológicos, os estudantes foram provocados a deslocar-se de um ensino repetitivo e engessado, bastante comum em algumas práticas de leitura e produção escrita na escola, para uma aprendizagem mais reflexiva e crítica. Compreendemos que o desenvolvimento dessas atividades contribuíram para a nossa

formação, em relação à atmosfera vivida dentro do ambiente escolar, no que se refere aos vários desafios pertinentes ao trabalho do pedagogo no processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Formação leitora. Literatura infantil. Prática de Ensino.

ABSTRACT: This paper consists in a report of experiences with reading of children’s literature activities, applied in conducted classes in a 5th year class, occurred in a municipal school of the borders of the city of Cascavel, in Parana. These are experiences from the subject of Supervised Internship, in Teaching Practice II, in the academic year of 2016, Pedagogy Course. The development of the activities intended the reading stimulation, through the exposure to children’s work of literature called A caixa maluca, by Flávia Muniz. Our aim was to provoke curiosity in the students, an actual aspect also in the story, as well as the work with rimes found in the text. Further the appreciation and reading of literature, we persued to work with textual productions, exploring them, aiming to enlarge the reading and writing knowledge of the students. From the use of different methodological referrals, students were provoked to move from the repetitive and limited teaching, which is very common in some practices of reading and writing in school, in order to have a reflexive and critical learning. We

comprehend that the development of this sort of activities contributed to our formation, regarding to the lived atmosphere inside the school environment, and the amount of challenges we faced during the work of an educationalist in the educational process.

KEYWORDS: Reading. Reading training. Children's literature. Teaching practice.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir da prática realizada na disciplina Estágio supervisionado sob a forma de prática de ensino II, no ano letivo de 2016, em uma escola municipal da periferia da cidade de Cascavel – PR.

Por meio de observações ocorridas anteriormente a prática – regência atentamos que havia um interesse da posição dos alunos em relação a escrita de textos, para posteriormente trabalhar produção textual e sua reelaboração. A partir disso, buscamos por meio das regências vivenciar este momento com os alunos.

As regências foram realizadas em uma turma de 5^o ano, do Ensino Fundamental anos iniciais, buscando trazer para a vivencia dos alunos o mundo lúdico das histórias infantis, para trabalhar os conteúdos e conseqüentemente sua internalização e apropriação, tanto na disciplina de Língua Portuguesa, quanto na disciplina de Matemática.

Na disciplina de Língua Portuguesa, procuramos associar os aspectos da produção da oralidade, da escrita e da leitura, tendo em vista que essas partes da língua se interligam e complementam, quando trabalhadas propiciam ao aluno o momento de interação com o mundo, conforme nos diz o Currículo básico para a Escola Pública Municipal da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná - AMOP:

[...] é papel da escola (e mais especificamente da área de Língua Portuguesa) garantir ao aluno o domínio efetivo sobre a língua, a fim de que possa utilizá-la, de forma oral ou escrita, com propriedade, adequando-a às diferentes situações de uso. (AMOP, 2007, p. 147).

Neste sentido, observamos a relevância desta articulação para a pratica realizada em sala de aula, fazendo desse modo com que o professor permita que aja muita leitura e produção textual, assim tentamos aproximar os conteúdos científicos nos textos para a conseguinte leitura com as vivencias trazidas pelos alunos e sua realidade, também fazendo articulação com as demais disciplinas como, por exemplo, a matemática e história, além da utilização de outros recursos como a demonstração de imagens e figuras, a contação de história propriamente dita, e atividades práticas (produção textual), que conseguissem chamar a atenção dos alunos.

Ao trabalharmos com problemas matemáticos, usamos o mesmo rigor utilizado para a compreensão dos textos na disciplina de língua portuguesa, lendo-os com boa entonação e explicando-os, intensamente, a fim de que os alunos os compreendessem efetivamente, inclusive solicitando que eles resumissem tais problemas oralmente e que verificassem o que estava sendo questionado. Também procuramos revolvê-los

de diversas formas, seguindo os diferentes raciocínios apresentados pelos alunos.

Dessa forma, atentamos a um enlace que tem grande relevância ao trabalhar a literatura em sala de aula, como nos apresenta a autora

Não se trata, contudo, de levar os alunos da escola fundamental adquirir noções de teoria da literatura, mas de organizar o que Poslaniec chama de “pequenos saberes” que as crianças já possuem em seu contato diário com todo o tipo de histórias que acontecem a sua volta: dos relatos de acontecimentos familiares aos vistos na televisão, que incluem não apenas os programas infantis e os desenhos animados, mas também os fatos do noticiário e reportagens dos jornais televisivos, cujos elementos básicos são geralmente organizados com a estrutura de narrativas.

Trata-se de partir dessas vivências da narrativa para organizar esses saberes em sistema coerente e ampliá-lo, respeitando as competências já trazidas pelas crianças antes da alfabetização e as que adquirem na escolarização. (FARIA, 2006, pg. 21).

A vista disso, durante a ocorrência das regências da disciplina de Língua Portuguesa, buscamos encaminhar as aulas para que cada aluno pudesse produzir seus próprios textos, expressando-se sobre diversos temas e com diversos gêneros, fazendo uma articulação entre a produção textual que deve ser retomada, para, posteriormente ser reelaborada. Para isso, o professor não pode agir como um mero corretor de problemas ortográficos, ou de apontar o que não se encaixa na escrita de determinado gênero, mas, para além disso, como alguém que ajuda o aluno a compreender que se a sua produção está coerente e coesa, ou seja, se apresenta uma clareza para que ela possa ser compreendida e internalizada por seus interlocutores. Partindo dessa interlocução entre escrever e socializar as produções, aconteçam leituras dos alunos para os alunos de textos produzidos por eles.

Para isso, trabalhamos também a importância do falar e do ouvir no contexto de sala de aula. Conforme orientações,

É importante marcar a relevância do ouvir, pois a linguagem oral se explicita na relação com o outro: falar – ouvir. Portanto, assim como no estímulo à fala, deve-se destinar tempo e atenção ao ouvir. As crianças precisam ser ensinadas a prestar atenção na fala do outro, na narração de histórias, nos relatos realizados. Muitas dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental são diagnosticadas como resultantes da falta de atenção às orientações e/ou explicações orais. Porém, se as crianças não forem orientadas a ouvir e instigadas a reproduzir detalhes de histórias ouvidas, por exemplo, dificilmente aprenderão a fazê-lo por si sós. (AMOP, 2007, p. 96).

Com a conseqüente realização deste momento de interação com os textos dos demais colegas, houve também a compreensão da função social da escrita, além, de demonstrar o quanto é necessário que eles possam interagir entre si, compartilhando o que entenderam, o que é mais interessante na leitura, na escrita, partilhando da mediação do professor neste momento para apontar os pontos de coesão e coerência, apresentando também a forma culta de escrever para os demais leitores, essa relação entre leitura e discussão do texto tornam a aula mais atraente e envolvente já que o aluno passa a ser peça chave neste processo de construção dos saberes escritos e orais.

Então, para que essa relação dita acima se concretize precisamos buscar internalizar nos sujeitos que ali estão na sala de aula, que além da leitura ser uma forma ativa de lazer, propicia e exige do leitor um maior grau de atenção e consciência, sendo uma participação ativa do receptor-leitor, tentamos apresentar a eles esta forma de ver o mundo da leitura e da escrita, para que desenvolvam em si, um aluno crítico e criativo, tendo mais consciência de si e da produção que há em volta do seu ser (CUNHA, 2006, pg 47).

Mas para que isso ocorra de forma mais significativa para o educando, procuramos também trazer para o bojo da discussão em sala de aula, a compreensão da função social da escrita, então, durante nossas regências, trabalhamos vários gêneros textuais, como poesia, cordéis, textos científicos um pouco mais densos, histórias infantis dentre elas, a que mais chamou a atenção dos alunos foi a “CAIXA MALUCA”, que será mais tarde apresentada no texto. Assim ao trabalharmos as diferentes formas dos textos, partimos para a produção textual, neste momento foi necessário a mediação do professor, com intuito de torna-las mais claras, conforme explicita o Currículo para rede pública municipal de ensino de Cascavel: Ensino Fundamental - Anos Iniciais de Cascavel:

A mediação do professor possibilita ao aluno a compreensão das características discursivas que retratam as condições de produção e de circulação do gênero discursivo na sociedade, suscitando indagações como: quem produziu o texto? Como produziu? Com que intenção o produziu? Para quem produziu? Além de outros questionamentos. (CASCAVEL, 2008, p. 338).

Entretanto no ambiente escolar, enfrenta-se alguns problemas ao se trabalhar com a literatura em sala de aula, pois nos atentamos aos discursos proferidos dentro das escolas, e nota-se que muitas vezes a leitura do livro principalmente, tem-se como ‘o que deve ensinar’, assim como nos diz CUNHA (2006) e provável que se os profissionais tem essa concepção redutora do livro, passem a cultivar também esses valores, tendo em vista um programa educativo, deixando talvez de lado o questionamento sobre o momento vivido no seu contexto social. Isso reduz a criticidade e abre espaço que somente outros meios proporcionem a compreensão da sociedade.

Assim, a vista disso o professor necessita compreender que a leitura dos gêneros, não é um mero exercício de repetição, mas que dele podemos construir um panorama de como é a sociedade onde se está inserido, e principalmente conhecer os diferentes gêneros discursivos para poder desenvolver um trabalho que realmente ajude o aluno a internalizar os conhecimentos ali mencionados e descritos, numa perspectiva dialógica e que, conseqüentemente, uma vez que o domínio da língua portuguesa é fundamental para que o educandos consigam entender e resolver problemas matemáticos, compreender textos científicos, entender textos de história, no auxílio de localização em geografia nas coordenadas, a apropriando-se dos conteúdos das demais disciplinas. Assim, esse encaminhamento vai no sentido de contribuir para a superação da prática de produção de textos como somente um instrumento de

avaliação, em que o único leitor é o professor que tem por objetivo atribuir nota aquela partícula de todo um processo realizado pelo aluno para a realização desta tarefa.

Assim, buscamos na argumentação de OLIVEIRA, 2010, pg. 42, essa maneira de olhar a literatura

Como a leitura entre as crianças estimula sempre o diálogo, as trocas de experiências de vida, os gostos e desgostos, a literatura ultrapassa os limites escolares, pois com seus temas e capaz de contribuir para ajuda-las a vivenciar e entender sua interioridade e sua inserção na cultura literária. A escola perde ao cercear os temas existenciais, entendidos como aqueles que abordam a morte, o medo o abandono, as separações, a maldade humana, a sexualidade, entre outros.

A literatura produz conhecimento, não porque esteja na escola, mas por dar conta de épocas, geografias e estilos de vida que não vivemos, mas que tem estreitas relações com o que somos hoje. A busca da literatura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor. Nem tudo o que se lê na escola precisa ser discutido, interpretado e avaliado dentro dos padrões estabelecidos pelo contexto escolar.

Seguindo nesta direção, buscamos em nossas regências propiciar aos alunos conhecimentos científicos dentro do ambiente escolar, mas que continham em seu interior o humor, e o prazer que as obras podem trazer tanto para o leitor quanto para quem escreve.

Assim, um dos momentos mais interessantes nesta prática realizada em sala de aula se deu com a história “A caixa maluca de Flavia Muniz”, este texto se passa em uma floresta, onde de repente aparece uma caixa, os animais que lá residem se aproximam, e a cada um que faz isso diz que a caixa e sua, vai passando o tempo, começa uma discussão de quem seria o dono, depois de tanta confusão o macaco foge com a caixa e é surpreendido pelo que há dentro dela, não havia nada do que foi comentado na história e sim uma careta de mola, assustando o macaco sabido e ligeiro.

As professoras/acadêmicas iniciaram o trabalho com a história dentro da sala, questionando os alunos se conheciam a história, e o que eles esperavam, diante disso iniciaram a contação da história propriamente dita, a cada frase proferida os alunos faziam expressões de curiosidade, e ficavam questionando sobre o que viria a seguir. Ao término da contação, explicitaram o seu contentamento com a história.

Trabalhar com literatura em sala de aula requer do professor consciência desse ato, pois no momento da realização da atividade buscamos subsídios em diferentes linguagens, não só na escrita, mas na oral, nas ilustrações do texto como nos fala OLIVEIRA, 2010, pg, 45:

O livro literário pode ser pensado a partir do pensamento de Bakhtin (1992, p. 101), pois “trata-se não de uma linguagem, mas de um diálogo de linguagens”, por apresentar o texto verbal com seus variados gêneros, e também um projeto gráfico que vai da ilustração, a ambientação, aos caracteres, ao estilo do desenho, a escolha das cores, ao formato, que dão ao conjunto da obra caráter dialogal entre texto e imagem, tão importante para o desenvolvimento da educação estética da criança. Aqui, a palavra estética é entendida como ligada a beleza e a arte, pois trata

das emoções e sentimentos que objetos, naturais ou não, despertam no ser humano pelas condições de sua aparência (MICHELETTI, 1990).

A vista disso, a atividade proposta era que os alunos produzissem um texto “maluco”, para isso as professoras/acadêmicas confeccionaram uma caixa de papelão media, onde o seu exterior era toda colorida, com o título A caixa maluca, dentro dela havia vários animais de pelúcia, objetos do dia-a-dia, brinquedos etc. Para iniciar a construção do texto/narrativa as professoras/acadêmicas ditou o título do texto, de mesmo nome da história, e o iniciou com a frase “ era uma vez”, a partir daí, a cada espaço de tempo era retirado um objeto da caixa, os objetos iriam subsidiar a escrita dos alunos, para que eles buscassem escreve-lo com coesão e coerência textual.

A cada objeto retirado a reação dos alunos era variada, alguns expressavam impaciência pela retirada, outros a sua indignação de como iriam escrever e o que escrever etc., neste momento as professoras/acadêmicas mediavam o trabalho da produção textual com outros questionamentos e no auxílio de palavras, consideradas pelos alunos mais difíceis, lembrando que o texto seria todo escrito pelos alunos partindo de suas ideias.

Segundo CASCAVEL, 2008, p. 329:

No momento da produção discursiva, o sujeito-autor exterioriza idéias inferindo acerca de como essas serão compreendidas por seu interlocutor. Contudo, por ser heterogêneo, o discurso é passível de diferentes interpretações, equívocos gerados por ambigüidades e ainda por elipses, que são recursos lingüísticos utilizados ou não de forma intencional. Seja como for, todos esperam que seu discurso seja compreendido por seus interlocutores e constroem esse discurso tendo como objetivo serem compreendidos da melhor forma possível. No que tange à linguagem oral, as reações imediatas do interlocutor fazem com que o indivíduo modifique seu discurso, procurando alcançar seus objetivos comunicacionais. No caso da linguagem escrita, há um distanciamento temporal e espacial entre o autor do texto e seus leitores. Isso exige que o discurso escrito trabalhe com um grau maior de explicitação dos sentidos e significados quando comparado ao discurso oral.

Ao termino da escrita do texto, as professoras/acadêmicas questionaram os alunos quanto a escrita, quais eram as dificuldades, o que mais chamou a atenção no momento da construção textual, se haviam gostado da atividade etc. Nesta devolutiva dada pelos alunos, observamos que em geral a atividade foi satisfatória e os educando demonstraram interesse na produção textual, sendo desenvolvida de forma lúdica e com humor. Também notamos que havia uma dificuldade nessa turma, de conseguir manter um raciocínio no desenvolvimento do texto.

Desta forma, buscando sempre a relação entre o oral e escrito, posteriormente ao questionamento das professoras/acadêmicas, foi proposto então aos alunos a leitura de sua história aos demais colegas, sem apontamentos, uma leitura de livre e espontânea vontade, para socialização das ideias contidas na produção textual e como foi o desenrolar da história. Neste momento houve uma interação entre os alunos muito maior do que esperávamos, pois a cada história lida, as risadas, perguntas e apontamentos iam surgindo, sempre de maneira moderada e realizando uma mediação entre contextos, onde cada aluno trouxe para a discussão a partir

do texto do colega, uma experiência vivida enriquecendo ainda mais este momento lúdico. Dessa maneira, observamos que tanto a escrita como a leitura segundo CASCAVEL (2008) são momentos discursivos, sendo que ocorrem processualmente por meio de atividades de interlocução e interação, e acarretam uma mudança crítica no desenvolvimento cultural da criança, já que ela está inserida em uma sociedade. Ainda segundo as orientações curriculares, para isso:

E fundamental compreendermos a linguagem como espaço por meio do qual o sujeito analise e compreenda as contradições que perpassam os contextos nos quais está inserido. Considerando essa perspectiva, a linguagem permite ao sujeito a possibilidade de refutar discursos herméticos, uma vez que por intermédio dela é possível elaborar/ reelaborar o conhecimento, considerando o caráter dialético. (CASCAVEL, 2008, pg. 328).

Partindo desse pressuposto, entendemos a linguagem como um instrumento que o homem utiliza para se expressar e interagir com os demais seres humanos, também faz-se parte na compreensão do mundo além de contribuir na sua constituição como indivíduo, que produz e adquire conhecimentos, dessa maneira a linguagem deve ser trabalhada no ambiente escolar, de forma que consiga abranger a leitura, escrita e análise linguística, sempre observando as especificadas de cada uma delas, juntamente com a mediação do professor em sala de aula.

Neste processo de construção e produção textual, observamos que era necessário a reelaboração textual, ou seja, reestruturar o texto para que os alunos compreendessem a diferença entre a forma oral de se expressar e a forma escrita. Nossa intenção era trabalhar com os alunos, na aula posterior, a reestruturação textual para que houvesse ainda mais a compreensão da função social da escrita em nossa sociedade. Assim, buscamos explicitar que no processo de interlocução ocorrida em sala de aula a construção textual ganha um valor, e que devemos ter em mente os princípios da textualidade.

Então, buscamos subsídios para nossa prática no Currículo de Cascavel, 2008, pg. 337:

O texto ganha valor quando está inserido num real processo de interlocução. Para tanto, faz-se necessário considerar os princípios da textualidade, que podem ser entendidos como: **intencionalidade** e **aceitabilidade** (interação entre autor e leitor, inferindo sobre o dito e o não-dito, quando o autor utiliza estratégias visando enredar o leitor); **informatividade** (o discurso utilizado não deve apresentar informações muito complexas - ou zonas de alta informatividade - nem tampouco simplificadas - zonas de baixa informatividade - mas primar por um nível mediano de informações, o que possibilita melhor compreensão); **situacionalidade** (contexto de produção, ou o modo como o leitor concebe as relações entre o texto e a situação em que foi produzido); **intertextualidade** (diálogo entre textos, discursos já produzidos, paráfrase), bem como **coerência** (manutenção e progressão temática); **coesão** (pronomes, conjunções; repetições, e outros recursos coesivos). Esses princípios da textualidade auxiliam professor e aluno no momento da produção textual, assim como no processo de reestruturação (análise linguística) acerca do que fora produzido, compreendendo-se que a produção e todas as suas qualificações estão direcionadas para o outro e para o contexto numa dada situacionalidade.

Entretanto, para que ocorra um trabalho satisfatório com a reestruturação textual, buscamos compreender que o ponto de partida e a escrita do texto, mas que é necessário que aja neste processo de aquisição do conhecimento um momento onde contemple uma reflexão sobre a escrita e assegurar que ela se efetue na reelaboração. Conseqüentemente, a mediação do professor será necessária proporcionalmente quando o aluno perceber a necessidade de reelaboração de seu discurso, para que também compreenda que sua mensagem tem um objetivo e para que isso se concretize reflita sobre o seu fazer.

Para que isso ocorresse de forma adequada, nossa intenção como professoras/acadêmicas e que os alunos participassem ativamente deste processo, assim, recolhemos os textos e os corrigimos ortograficamente em casa, para que na próxima aula, o fizéssemos no quadro. Em seguida, foi necessário que elencássemos um texto para realização deste processo, elencamos também os conteúdos específicos da gramática normativa, sobre os quais o aluno não demonstrou domínio em sua produção escrita: buscando sempre fazer uma interlocução entre o oral e o escrito, e como esta atividade precisa ser contínua, com intervenções que possibilitem o domínio da língua.

Na disciplina de Matemática, também procuramos envolver histórias infantis para trabalhar os conteúdos que nos foram solicitados, assim exploramos, por exemplo, o livro *“O pirulito do pato”*, de Nílson José Machado, trazendo para dentro da história de forma criativa, o conceito de frações. As ilustrações presentes no livro e o texto, foram fundamentais para a compreensão desse conteúdo, observamos que os alunos puderam compreender as divisões feitas no pirulito dos patos, os quais precisaram ser repensadas com a vinda de mais amigos. Dessa maneira, o trabalho com esse texto, para além de uma leitura, oportunizou momentos de interessantes de compreensão e de reflexão, contribuindo para que os alunos pudessem responder aos questionamentos feitos oralmente.

Em um outro momento das regências, com o intuito de dar continuidade à exploração do conceito de frações, também com o auxílio de literatura infantil, exploramos o livro intitulado *Doces frações*, de Luzia Faraco Ramos Faifi, o qual conta a história de que três crianças foram ajudar sua avó a cortar tortas para vendê-las. Mas para que isso ocorresse, necessitavam trabalhar com equivalência para saber o preço dos diferentes pedaços já que as tortas foram divididas em pedaços de tamanhos diferentes, causando uma confusão na venda das tortas de sua avó, pois ela estava acostumada a dividir as tortas sempre da mesma forma e a vender os respectivos pedaços sempre pelo mesmo preço.

Essa vivência nos possibilitou compreender a importância de trabalhar com a Literatura infantil em sala de aula, reconhecendo que a partir de uma atividade lúdica os alunos podem compreender conceitos e ampliar seu conhecimento científico derivado das mais diversas áreas dentro do ambiente escolar. Dessa forma, trabalhamos com atividades práticas buscando relacionar o cotidiano dos alunos com os conhecimentos

científicos produzidos historicamente pela humanidade. Sendo assim,

Não se pode negar o saber cotidiano como ponto de partida na prática escolar, pois contempla elementos inseparáveis da vida humana, porém, somente a apropriação dos conceitos matemáticos científicos confere a superação deste saber imediato, inerente à pragmaticidade presente no cotidiano, garantindo assim a apropriação de conhecimentos necessários à vida do sujeito participante da sociedade [...]. (CASCAVEL, 2008, p. 371).

Nessa perspectiva, compreendemos que o trabalho com Literatura Infantil é uma fundamental e indispensável para a compreensão do mundo e para o desenvolvimento da compreensão da função social da escrita em nossa vivência em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das regências, foi possível avaliar que foram bem-sucedidas, as quais nos proporcionaram um significativo aprendizado. Nessa direção, observamos que há importância no ato de planejar e buscar sempre ministrar aulas que considerem o conhecimento prévio do aluno, seja ele adquirido na convivência familiar, na sua vida social ou no ambiente escolar, com a incumbência de trabalhar com o conhecimento científico.

Compreendemos que o envolvimento dos alunos foi de extrema importância para as aulas, os quais propiciaram um resultado do processo do ensino e da aprendizagem nos demonstrando o quanto é gratificante e relevante notar que é possível contribuir para que o educando se aproprie sempre mais do saber historicamente acumulado, assim como evidenciou a necessidade de estarmos sempre buscando novos conhecimentos, pois a educação escolar não deve ser mecanicista e repetitivo, considerando que tudo, à nossa volta, está em constante transformação, interação e reformulação. Para isso, é fundamental trabalhar com conceitos, de forma reflexiva e crítica, sendo que isso vai muito além do desenvolvimento de algumas competências ou habilidades para realizar alguma tarefa ou atividade.

Consideramos, de grande relevância a Literatura Infantil dentro de sala de aula, na formação do sujeito e no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem durante a fase de escolarização deste indivíduo, sendo em grande medida um instrumento utilizado na alfabetização e na internalização dos conhecimentos científicos. Constitui-se como um aparato na construção de um leitor ativo e consciente. Entretanto, se for utilizada de forma maçante e reduzida pode provocar sérios danos a formação não só escolar, mas social do sujeito que ali está. Além de intervir também na interpretação de mundo via a literatura.

Neste sentido, observamos uma necessidade que a torna a literatura indispensável para a sociedade, e para a humanização dos sujeitos nesta vivência, já que ela também pode propiciar os conhecimentos das mais diversas culturas e sociedades existentes ou que já existiram, seguindo esta direção, a literatura tem papel formador

de personalidade, podendo ser influenciada positiva ou negativamente; retratando em outros aspectos a sociedade, ou a busca de melhorias. Desse modo, realça a influência na infância e na construção desse sujeito.

Este aspecto, nos remete ao mundo dos livros, onde se constitui perante a comunicação e linguagem, um instrumento que consegue ultrapassar os limites do conhecimento científico e trabalhar as emoções e a interação humana. Assim, a socialização realizada pela criança com o meio e com os outros indivíduos se torna mais fácil e prazerosa, já que a literatura é uma realidade, um contexto interdisciplinar, estando diretamente ligada a outros modos de manifestações culturais, econômico, políticos e sociais.

REFERÊNCIAS

AMOP. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Currículo básico para a Escola Pública Municipal**: Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. Cascavel: ASSOESTE, 2007.

CASCADEL. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para rede pública municipal de ensino de Cascavel**: Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Volume II. Cascavel, Pr: Ed. Progressiva, 2008.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2006.

FAIFI, Luzia Faraco Ramos. **Doces Frações**. Ática, 2011.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Nilson Jose. **O pirulito do pato**. Scipione, 2004.

MUNIZ, Flavia. **A caixa maluca**. São Paulo: Moderna, 3. Ed. 2002.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. **Literatura: ensino fundamental** / Coordenação, PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204, il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123